

## **AMPLIAÇÃO E DIVERSIFICAÇÃO DO CONSUMO EM MARÍLIA-SP E MOSSORÓ-RN**

Edna Couto<sup>1</sup>

### **Resumo**

No sentido de contribuir para os estudos sobre as cidades médias, propõe-se uma análise da expansão do consumo nas cidades de Marília-SP e Mossoró-RN a partir do potencial de consumo de ambas. Diante da introdução de um conjunto de bens e serviços ao consumo familiar e individual, produzindo, ao mesmo tempo, uma homogeneização – dos valores, ideias e práticas – e uma diversificação do consumo – maior variedade dos produtos e serviços especializados, objetiva-se compreender os processos de expansão e diversificação do consumo em cada uma destas cidades, reconhecendo generalidades e particularidades no que tange a estes processos, articulando-os às diversas escalas geográficas e aos processos de reestruturação urbana e da cidade.

**Palavras-chave:** Consumo. Cidades médias. Marília. Mossoró.

### **EXPANSION AND DIVERSIFICATION OF CONSUMPTION IN MARÍLIA-SP AND MOSSORÓ-RN**

### **Abstract**

In order to contribute to studies on the medium-sized cities, it is proposed an analysis of the expansion of consumption in the cities of Marília-SP and Mossoró-RN based on the consumption potential of both cities. Given the introduction of a set of goods and services to family and individual consumption, producing at the same time, a homogenization - of values, ideas and practices - and a diversification of consumption - wider range of products and specialized services, the objective is to understand the processes expansion and diversification of consumption in each of these cities, recognizing generalities and particularities in relation to these processes, linking them to the different geographical scales and processes of urban restructuring and the city restructuring.

**Key-words:** Consumption. Medium-sized cities. Marília. Mossoró.

### **EXPANSIÓN Y DIVERSIFICACIÓN DEL CONSUMO EN MARÍLIA-SP Y MOSSORÓ-RN**

### **Resumen**

Con el fin de contribuir a los estudios sobre las ciudades intermedias, se propone un análisis de la expansión del consumo en las ciudades de Marília-SP y Mossoró-RN basado en el potencial de consumo de las dos ciudades. Frente a la introducción de un conjunto de bienes y servicios para la familia y el consumo individual, produciendo al mismo tiempo, una homogeneización - de valores, ideas y prácticas - y una diversificación del consumo - más

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia (FCT/UNESP). Professora substituta da Universidade Estadual do Ceará (CCT)

amplia gama de productos y servicios especializados, el objetivo es comprender los procesos de expansión y diversificación del consumo en cada una de estas ciudades, reconociendo generalidades y particularidades en relación con estos procesos, vinculándolos a las diferentes escalas geográficas y procesos de reestructuración urbana y la ciudad.

**Palabras-clave:** Consumo. Ciudades intermedias. Marília. Mossoró.

## INTRODUÇÃO

No sentido de contribuir para os estudos sobre as cidades médias no Brasil, considerando as alterações de seus papéis, funções e conteúdos, partimos do pressuposto que a discussão sobre o consumo e os novos meios e estratégias de sua realização, integrada ao debate da produção e da articulação entre escalas, contribui para a compreensão da redefinição dos conteúdos das cidades médias e de sua estruturação urbana, sem desconsiderar que as transformações ocorrem no território de maneiras, intensidades e ritmos diferentes.

Deste modo, propomos uma análise comparativa entre Marília-SP e Mossoró-RN a partir da expansão e da diversificação do consumo, estudando sua evolução nas cidades e suas respectivas regiões de influência. Para isto, selecionamos variáveis associadas ao consumo urbano, com base em um estudo realizado sobre o potencial de consumo nas cidades brasileiras, buscando entendê-lo sob duas perspectivas: uma relacionada ao seu movimento de ampliação, e outra, à sua composição-recomposição e diversificação.

Realizaremos esta análise em dois blocos: o primeiro, a partir do Índice de Potencial de Consumo (IPC)<sup>2</sup> de Marília e Mossoró em suas respectivas microrregiões, demonstrando o “peso” das duas cidades na região e estabelecendo, assim, algumas diferenças entre elas; e o segundo, analisando os volumes de despesas em cada cidade, para cada variável<sup>3</sup> a ser estudada, a saber: o total do consumo urbano e o consumo *per capita* urbano, que representam a primeira perspectiva analítica; a “alimentação no domicílio” e “alimentação fora do

---

<sup>2</sup>O Índice de Potencial de Consumo (IPC) corresponde a um indicador que atribui a cada município a sua participação no total de consumo do país, ou seja, o potencial de compra em cada município como uma porcentagem do potencial brasileiro total (100%). Hipoteticamente, se considerarmos que no Brasil são gastos R\$ 100,00 por dia, seria possível estimar quanto deste consumo é realizado por cada município através do índice. Por exemplo, se o município X tem um IPC de 0,10414; isto significa que de R\$100 gastos no país, R\$ 0,10414 foram gastos neste município. Para mais informações sobre como elaborar índices de potencial de consumo ver Aranha Filho (1998). Importante destacar que não utilizamos este índice nas análises para cada cidade, pois optamos por apresentar as informações a partir dos volumes de despesas brutas, ou seja, em reais (R\$) de cada ano de acordo com a conversão e deflação correspondentes, tal como explicado no Apêndice.

<sup>3</sup>Para mais informações sobre o detalhamento das categorias de consumo consultar IPC Marketing (2012).

domicílio”, “gastos com veículos próprios” e despesas com a compra de “eletrodomésticos e equipamentos”, representando a segunda perspectiva.

Entendemos que este conjunto de variáveis constitui-se como importante recurso analítico que nos fornece elementos para compreender os processos de reestruturação urbana – que altera profundamente os papéis urbanos em virtude da redefinição da divisão interurbana do trabalho e intensifica as interações espaciais em múltiplas escalas –, e da reestruturação da cidade – articulado de maneira complexa ao primeiro e associado à divisão econômica e social do território.

### **O POTENCIAL DE CONSUMO EM CIDADES MÉDIAS**

No intuito de estabelecer comparações entre Marília e Mossoró e suas respectivas microrregiões, qualificando-as quanto à concentração do consumo e identificando diferenças entre elas, elaboramos dois quadros-síntese (Quadros 1 e 2), nos quais reunimos as seguintes informações: o Índice de Potencial de Consumo (IPC) dos municípios pertencentes à microrregião, a hierarquia de cada município na rede urbana, com base na Região de Influência das Cidades (REGIC) (IBGE, 2008), e as características de cada um deles, com base na Tipologia das Cidades Brasileiras (BITOUN; MIRANDA, 2009).

Agrupamos nos quadros os dois estudos sobre a rede urbana porque na medida em que a REGIC possibilita a apreensão das hierarquias dos centros urbanos, a Tipologia das Cidades Brasileiras nos permite ir além, de modo a inferir sobre as densidades das dinâmicas econômicas, tendo em vista que considera o desenvolvimento desigual do capitalismo entre as regiões do país pela divisão do trabalho e articula a análise da cidade à região, conferindo diferenças entre elas, que serão compreendidas aqui a partir dos exemplos de Marília e Mossoró e as microrregiões por elas comandadas.

É possível notar no Quadro 1 que a microrregião de Marília é composta por treze municípios, incluído Marília. De acordo com a REGIC (IBGE, 2008), por ser uma Capital Regional C e, conseqüentemente, o centro urbano com a maior posição hierárquica na microrregião, Marília polariza os demais municípios, sendo onze centros locais e um centro de zona B.

Coadunando esta perspectiva à da tipologia das cidades, adotada por Bitoun e Miranda (2009), a microrregião de Marília caracteriza-se pela inserção em uma densa teia de relações econômicas em espaços rurais prósperos, capitaneada por um centro urbano considerado

médio, Marília, e um conjunto de outros municípios, sob sua influência direta. De acordo com a tipologia das cidades, do conjunto que compõe a microrregião, exceto Marília, Garça possui elevada desigualdade social e os demais se caracterizam como pequenas cidades com poucas ou relevantes atividades urbanas (Quadro 1).

Analisando o IPC da microrregião para os anos de 1998 e 2012, vemos que em ambos o município de Marília concentrou os maiores índices de potencial de consumo, ratificando-o como o município principal (MELAZZO, 2012), embora seja possível perceber que o IPC se redistribuiu e até diminuiu, tanto no município de Marília, como entre os municípios da microrregião (Quadro 1).

**Quadro 1 - Marília e microrregião: Índice de Potencial de Consumo (1998 e 2012)**

Municípios	REGIC	Tipologia das cidades (código do tipo de cidade)	IPC	
			1998	2012
Álvaro de Carvalho	Centro Local	15	0,00127	0,00142
Alvinlândia	Centro Local	15	0,00134	0,00146
Echaporã	Centro Local	15	0,00358	0,0028
Fernão	Centro Local	14	*	0,00069
Gália	Centro Local	14	0,00428	0,00298
Garça	Centro de Zona B	6	0,02468	0,02398
Lupércio	Centro Local	15	0,00182	0,00188
Marília	Capital Regional C	3	0,15776	0,14811
Ocaçu	Centro Local	14	0,00207	0,00191
Oriente	Centro Local	14	0,00354	0,00366
Oscar Bressane	Centro Local	15	0,00163	0,00124
Pompéia	Centro Local	14	0,01194	0,01319
Vera Cruz	Centro Local	15	0,00675	0,00582
TOTAL DA MICRORREGIÃO			0,22066	0,20914

Fonte: IBGE (2008), BITOUN; MIRANDA (2009)<sup>4</sup>, IPC Maps (2012). Organização: Autor (2015). \*Município Emancipado entre 1991 e 2000.

No que diz respeito à microrregião de Mossoró, vemos no Quadro 2 que ela possui seis municípios, e segundo a REGIC, o município que lhe dá nome caracteriza-se como uma Capital Regional C. Pela Tipologia das Cidades, Mossoró se enquadra como uma das principais cidades do Rio Grande do Norte, concentrando atividades urbanas em meio a um espaço rural, como uma espécie de “ilha de concentração”, usando os termos do referido estudo.

<sup>4</sup>Descrição da Tipologia por códigos: 3 - Espaços urbanos aglomerados e centros regionais do centro sul; 6 - Centros urbanos em espaços rurais prósperos com elevada desigualdade social; 14 - Pequenas cidades com relevantes atividades urbanas em espaços rurais prósperos; 15 - Pequenas cidades com poucas atividades urbanas em espaços rurais prósperos.

Logo, Mossoró polariza o conjunto de cinco centros locais (IBGE, 2008), situados em espaços rurais consolidados de frágil dinamismo recente (BITOUN; MIRANDA, 2009), dos quais um, Areia Branca, aparece como um centro urbano de moderada desigualdade social, e os demais, como pequenas cidades com poucas ou relevantes atividades urbanas (Quadro 2).

Assim como Marília, Mossoró é o principal centro urbano da microrregião a qual faz parte, exercendo uma centralidade muito forte (ELIAS; PEQUENO, 2010). Em contrapartida, diferentemente de Marília e sua microrregião, os índices de potencial de consumo referentes à microrregião de Mossoró e aos seus respectivos municípios têm apresentado um crescimento considerável entre 1998 e 2012, conforme observamos no Quadro 2, revelando, inclusive, que o peso regional de Mossoró em sua região de influência imediata é bem maior em relação ao de Marília.

**Quadro 2 - Mossoró e microrregião: Índice de Potencial de Consumo (1998 e 2012).**

Municípios	REGIC	Tipologia das cidades (código do tipo de cidade)	IPC	
			1998	2012
Areia Branca	Centro Local	7	0,0082	0,00872
Baraúna	Centro Local	17	0,00411	0,00566
Grossos	Centro Local	16	0,00287	0,00321
Mossoró	Capital Regional C	4	0,10414	0,11976
Serra do Mel	Centro Local	16	0,00058	0,00204
Tibau	Centro Local	16	*	0,0038
TOTAL DA MICRORREGIÃO			0,1199	0,14319

Fonte: IBGE (2008), BITOUN; MIRANDA (2009)<sup>5</sup>, IPC Maps (2012). Organização: Autor (2015). \*Município Emancipado entre 1991 e 2000.

A partir das análises dos Quadros 1 e 2, estabelecemos comparações considerando o IPC de Marília e de Mossoró e o IPC total de suas respectivas microrregiões. Constatamos que para os anos analisados, a microrregião de Marília apresentou um IPC superior à microrregião de Mossoró, o mesmo aplicando-se aos respectivos municípios principais e, além disso, as variações do IPC das microrregiões estão diretamente relacionadas ao crescimento e/ou queda do IPC de Marília e Mossoró.

<sup>5</sup>Descrição da Tipologia por códigos: 4 - Espaços urbanos aglomerados e centros regionais do norte e nordeste; 7 - Centros urbanos em espaços rurais consolidados, mas de frágil dinamismo recente e moderada desigualdade social; 16 - Pequenas cidades com relevantes atividades urbanas em espaços rurais consolidados, mas de frágil dinamismo recente; 17 - Pequenas cidades com poucas atividades urbanas em espaços rurais consolidados, mas de frágil dinamismo recente.

Verificamos também que o IPC de Marília diminuiu entre 1998 e 2012, em movimento oposto ao IPC de Mossoró, que aumentou entre 1998 e 2012. Importante ressaltar que estes movimentos devem ser analisados e compreendidos à luz dos processos e dinâmicas que redefinem os papéis das cidades médias, tais como a concentração e centralização econômicas, a difusão de formas contemporâneas de organização espacial das atividades econômicas ligadas ao terciário, a desconcentração da produção industrial, a disseminação do comércio e dos serviços especializados etc. (SPOSITO *et al.*, 2007).

Neste sentido, podemos inferir que Marília, por compor a formação socioespacial paulista, cuja rede urbana é mais densa e permeada por um conjunto de fatores que permitiram estes processos e dinâmicas, passou por um processo de reestruturação urbana bem antes que Mossoró, em fins da década de 1990 e início dos anos 2000, justificando o aumento do IPC e possivelmente, indicando uma ampliação do consumo (Quadro 1).

Por outro lado, Mossoró, situada numa região considerada periférica – do ponto de vista econômico –, só foi inserida nos circuitos do consumo moderno em meados da década de 2000, principalmente após a expansão territorial de grandes grupos empresariais no setor comercial e de serviços (SPOSITO, 2009).

A localização de novos equipamentos de consumo nesta cidade, como o *shopping center*, hipermercados e atacadistas de grandes redes, inclusive de capital internacional, contribuiu para alavancar o consumo não apenas no município de Mossoró, fortalecendo seu papel regional e reforçando sua centralidade na rede urbana, mas também, em toda a região sob sua influência (Quadro 2).

Tais informações nos levam a uma interpretação que permite pensar as diferenças entre as duas cidades nos contextos de suas microrregiões e, sobretudo, da reestruturação urbana, a partir da qual levantamos duas hipóteses: a primeira é que para entender as diferenças entre as cidades, em suas singularidades, é preciso considerar as formações socioespaciais nas quais estão inseridas; e a segunda, de que existem temporalidades distintas no processo de reestruturação urbana no país, implicando em qualidades, intensidades e ritmos que variam conforme a formação socioespacial e a cidade em que se realiza.

## **A EXPANSÃO E A RECOMPOSIÇÃO DO CONSUMO**

Passando ao segundo bloco de análises, com o objetivo de assimilar a diversificação do consumo a partir de um conjunto de variáveis em Marília e Mossoró, apresentaremos a

evolução do consumo urbano e do consumo *per capita* urbano com base nos dados disponíveis para os anos de 1998, 2003, 2008 e 2012.

Considerando o período sob análise, na Tabela 1 verificamos o crescimento do potencial do consumo urbano em ambas as cidades, que foi de 43,20% em Marília e de 100,02%, em Mossoró, apesar do potencial total do consumo urbano de Marília ser superior ao de Mossoró, com exceção do ano de 2012, onde os montantes foram praticamente equivalentes.

No ano de 1998 o potencial do consumo urbano mariliense ficou em torno de R\$ 2,7 milhões e o mossoroense, aproximadamente R\$ 1,5 milhões; em 2003, Marília e Mossoró tiveram um total de consumo urbano inferior ao ano de 1998, pouco mais de R\$ 2,3 milhões e R\$ 1,2 milhão, respectivamente; em 2008, ambas as cidades apresentaram considerável crescimento no volume de consumo urbano total: Marília com R\$ 4,3 milhões e Mossoró, R\$ 2,6 milhões (Tabela 1), possivelmente em decorrência da conjuntura política e econômica que favoreceu a expansão do consumo no Brasil desde o ano de 2006<sup>6</sup>.

No ano de 2012, Marília apresentou uma pequena diminuição em relação ao consumo total urbano do ano de 2008, enquanto em Mossoró ocorreu um movimento inverso, de crescimento em relação ao ano de 2008. Todavia, os montantes totais em ambas as cidades aproximaram-se consideravelmente em 2012, estando em torno dos R\$ 3 milhões (Tabela 1).

**Tabela 1 - Marília e Mossoró: Total do consumo urbano (R\$) e variações relativas (%). (1998, 2003, 2008 e 2012)**

	1998	2003	2008	2012	Variação relativa (%)			
					1998-2003	2003-2008	2008-2012	1998-2012
Marília	2.711.171.311,21	2.347.177.546,21	4.373.366.809,14	3.882.448.050,87	-13,43	86,32	-11,23	43,2
Mossoró	1.587.901.522,35	1.224.250.314,95	2.665.263.543,13	3.176.185.901,63	-22,9	117,71	19,17	100,02

Fonte: IPC Maps. Organizado por Autor (2014). Dados deflacionados.

Percebemos que o período entre 1998 e 2003 foi de queda no consumo urbano em Marília e Mossoró, equivalente a -13,43% e -22,90%, respectivamente, e uma recuperação no período seguinte, de 2003 a 2008, com um crescimento de 86,32% e 117,71%, respectivamente. Os dados referentes ao período de 2008 a 2012 mostraram dois movimentos

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que a partir de 2008 o Governo Federal estabeleceu uma redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que incluiu bens como automóveis e eletrodomésticos da linha branca. No caso dos eletrodomésticos, essa redução da taxaço começou a vigorar no final de 2008 e foi prorrogada até 2013 para fogões de cozinha, e até 2014 para geladeiras, refrigeradores e máquinas de lavar roupa (LOZANO; SPOSITO, 2015). Além disso, a partir de 2013 começou a vigorar o cartão Minha Casa Melhor, vinculado ao Programa Minha Casa Minha Vida, que também alavancou o consumo de bens duráveis de modo geral.



diferentes: em Marília houve uma diminuição no total do consumo urbano, correspondente a -11,23%, ao passo em que Mossoró ocorreu um aumento de 19,17%, que pode ser explicado com base nas duas hipóteses que levantamos anteriormente (Tabela 1).

Outro dado que demonstra o movimento de ampliação do consumo nas cidades é o consumo *per capita*, variável que, consoante Medeiros (2015), constitui-se como central para a compreensão da evolução dos padrões de consumo recentes<sup>7</sup>. De acordo com Pochmann (2012, p. 21) essa ampliação da renda *per capita* combinou-se a “uma redução no grau de desigualdade na distribuição pessoal da renda do trabalho”, que segundo Filgueiras e Gonçalves (2007, p. 208), vem diminuindo desde 1998, colaborando para a diminuição das disparidades regionais e municipais<sup>8</sup>.

Seguindo a tendência do potencial do consumo urbano, é possível observar uma ampliação do consumo *per capita* urbano em Marília e Mossoró no período compreendido entre 1998 e 2012: em Marília, no ano de 1998, o potencial de consumo *per capita* urbano era de aproximadamente R\$ 15 mil, enquanto o de Mossoró alcançava pouco mais de R\$ 8 mil; em 2012, o consumo *per capita* médio ficou em R\$ 18.499,92 em Marília e R\$ 13.031,58 em Mossoró (Tabela 2), revelando que a desigualdade de renda e, conseqüentemente, de acesso ao consumo, ainda é significativa no país.

Observando cada período separadamente, entre 1998 e 2003, houve uma diminuição do consumo *per capita* urbano em ambas as cidades, equivalente a -24,63% em Marília e a -

---

<sup>7</sup>Para Medeiros (2015) outra variável importante é a renda familiar.

<sup>8</sup>A evolução do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e do Coeficiente de Gini apontam para uma redução das desigualdades em Marília e em Mossoró: o município paulista que tinha um IDH de 0,601 em 1991, passou a ter em 2000 o IDH de 0,725 e em 2010, de 0,798, ao passo que Mossoró, passou de um IDH de 0,470 em 1991 para 0,596 em 2000 e 0,720, em 2010 (PNUD; IPEA; FJP, 2013), estando ambos os municípios, no ano de 2010, na faixa do IDHM considerada alta, isto é, cujos índices estão entre 0,700 e 0,799. Ainda que Marília e Mossoró apresentem um IDHM alto, se considerarmos a posição dos dois municípios em um ranking do IDHM em seus respectivos Estados, veremos que Mossoró tem um destaque relativamente maior no Rio Grande do Norte do que Marília com relação ao Estado de São Paulo. Em 2010, Mossoró detinha o 3º maior IDH municipal potiguar (0,720), perdendo apenas para o município de Parnamirim, cujo IDH era de 0,766, e de Natal, com índice de 0,763. Já Marília, ocupava em 2010 o 25º lugar no ranking paulista (0,798), atrás de municípios cujos índices eram considerados muito altos (entre 0,800 - 1,000), inexistentes no Estado do Rio Grande do Norte. Não obstante, se tomarmos como referência a posição dos dois municípios no ranking nacional do IDHM (PNUD; IPEA; FJP, 2013), teremos um quadro bem diferente, que indica a permanência das desigualdades regionais, expressas e reforçadas pelas disparidades entre os índices de desenvolvimento humano municipais. Tomando como referência o Coeficiente de Gini dos dois municípios, observamos que houve uma diminuição deste em Marília e em Mossoró, passando de 0,5550 e 0,5806, em 1991, para 0,5117 e 0,5340, em 2010, respectivamente, embora estes índices continuem sendo altos segundo os parâmetros internacionais da Organização das Nações Unidas (ONU/UN), da Central Intelligence Agency (CIA) e do Banco Mundial (BM/WB). Portanto, para todos os anos analisados, Marília apresentou indicadores melhores que os de Mossoró, muito embora a distância entre eles tenha diminuído, demonstrando que existem continuidades (das desigualdades) e aproximações, de ordem quantitativa e qualitativa, entre os dois municípios.



27,07% em Mossoró. De 2003 a 2008 notou-se um crescimento do consumo *per capita* em Marília, que passou de R\$ 11.586,71 para R\$ 20.204,42, e em Mossoró, de R\$ 5.958,76 para R\$ 12.191,36, ou seja, 74,38% e 104,60%, respectivamente. Foi justamente neste período que o crescimento foi mais expressivo, maior inclusive do que no período total estudado, de 1998 a 2012, cujos valores corresponderam a 20,33% no caso da cidade paulista e 59,49% na cidade potiguar (Tabela 2).

Entre 2008 e 2012 o ritmo de crescimento do consumo *per capita* desacelerou em ambas as cidades em comparação ao período anterior, com um saldo negativo de 8,44% em Marília, não obstante a variação positiva de 6,89% em Mossoró (Tabela 2).

**Tabela 2 - Marília e Mossoró: Consumo per capita urbano (R\$) e variações relativas (%) (1998, 2003, 2008 e 2012)**

	1998	2003	2008	2012	Variação relativa (%)			
					1998-2003	2003-2008	2008-2012	1998-2012
Marília	15.373,99	11.586,71	20.204,42	18.499,92	-24,63	74,38	-8,44	20,33
Mossoró	8.170,70	5.958,76	12.191,36	13.031,58	-27,07	104,6	6,89	59,49

Fonte: IPC Maps. Organizado por Autor (2014). Dados deflacionados.

Dando prosseguimento no estudo da ampliação do consumo em Marília e Mossoró, avançamos na segunda perspectiva analítica proposta, que aborda a composição-recomposição do consumo e sua diversificação, a partir do detalhamento por variáveis.

Procurando demonstrar a composição e a recomposição do consumo nas duas cidades, elaboramos um quadro que apresenta as participações de diferentes variáveis<sup>9</sup> no total do consumo urbano, utilizando uma escala de cores que vai do vermelho ao verde: as cores mais quentes correspondem às maiores participações no consumo urbano e as cores mais frias, às menores (Quadro 3).

Tanto em Marília como em Mossoró, para todos os anos analisados, as variáveis correspondentes a maior parte das despesas familiares foram: “alimentação no domicílio”, “manutenção do lar” e “outras despesas”. Juntas, em ambas as cidades, estas três variáveis corresponderam a quase 60% dos totais das despesas das cidades nos anos de 1998 e 2012.

Contudo, existem diferenças entre as cidades, conforme averiguamos no Quadro 3. Comparativamente, a “alimentação no domicílio” corresponde a um percentual bem maior de despesas para os mossoroenses, ainda que tenha havido uma redistribuição dos gastos e esta

<sup>9</sup> De modo a apresentar um panorama geral dos setores em cada cidade analisada, optamos por mostrar todas as 22 categorias de consumo adotada pelo estudo do IPC Marketing (2012).

variável tenha apresentado uma diminuição relativa quase pela metade da participação entre 1998 e 2012 nas duas cidades, passando de 25,79% para 14,49% do total das despesas em Mossoró, e de 18,09% para 9,37%, em Marília.

Já a participação das despesas com “alimentação fora do domicílio” no total em Marília teve um aumento neste mesmo período, passando de 4,03% em 1998 para 6,10%, em 2012, ao contrário de Mossoró, que diminuiu de 4,86% para 4,42% no total do consumo urbano (Quadro 3). Estas diferenças entre as cidades podem ter relação com as particularidades regionais no consumo de alimentos, considerando que,

Enquanto se gastam, em média, R\$ 66,80 por família com alimentação fora do domicílio no Brasil, gastam-se R\$ 81,79 na região Sudeste, que se destaca pelo maior gasto médio entre todas as regiões, valor 22% acima da média brasileira e 74% acima do gasto médio do Nordeste, que é a região que apresenta o menor gasto, R\$ 47,10 ao mês (SCHLINDWEIN; KASSOUF, 2007, p. 436).

A variável “manutenção do lar”, que inclui gastos diversos na habitação, desde aluguel até consertos de aparelhos domésticos, móveis etc., aumentou bastante sua participação no total de despesas familiares em ambas as cidades: em 1998 correspondia a 18,29% das despesas das famílias marilienses e a 12,32%, dos mossoroenses, respectivamente. No ano de 2012, este tipo de gasto passou a equivaler a 26,14% do total do consumo urbano em Marília, e a 22,33% do consumo urbano em Mossoró.

Por fim, deste primeiro conjunto de variáveis que corresponde a maior parte dos gastos familiares em Marília e em Mossoró temos a variável “outras despesas”, na qual se inclui uma gama muito heterogênea de atividades, dentre as quais muitos serviços pessoais. Notou-se um crescimento deste tipo de despesa em Marília e Mossoró, porém, nesta última, o crescimento foi bem mais expressivo.

As categorias com menor participação nos gastos nas duas cidades para os anos analisados foram: “artigos de limpeza”, “outras despesas com vestuário”, “livros e material escolar” e “fumo”, que juntas, nem no primeiro nem no último ano analisado, não chegaram a 2% do total das despesas em Marília, enquanto que em Mossoró, estas variáveis corresponderam a 3,97% do total das despesas em 1998 e em 2012 perfaziam pouco mais de 2% do total, ou seja, verificou-se uma diminuição deste tipo de despesa no total dos gastos familiares (Quadro 3).

**Quadro 3 - Marília e Mossoró: participação no total do consumo urbano (%).  
(1998 e 2012)**

Marília		Variáveis	Mossoró	
1998	2012		1998	2012
18,09	9,37	Alimentação no domicílio	25,79	14,49
4,03	6,1	Alimentação fora do domicílio	4,86	4,42
1,43	1,11	Bebidas	2,18	1,3
18,29	26,14	Manutenção do lar	12,32	22,33
1,74	1,54	Mobiliários e artigos do lar	2,53	1,93
0,62	0,54	Artigos de limpeza	1,12	0,88
3,55	2,13	Eletrodomésticos e equipamentos	4,26	2,19
2,99	2,83	Vestuário confeccionado	3,38	3,72
1,29	1,25	Calçados	2,11	1,29
0,24	0,19	Outras despesas com vestuário	0,63	0,35
5,86	2,52	Transportes urbanos	6,73	2,48
3,45	5,42	Gastos com veículo próprio	2	4,92
1,43	1,89	Higiene e cuidados pessoais	2,29	2,87
3,34	2,96	Gastos com medicamentos	2,7	2,91
5,35	3,51	Outras despesas com saúde	3,56	2,75
0,59	0,44	Livros e material escolar	0,59	0,49
1,38	2,45	Matrículas e mensalidades	2,21	1,9
1,84	1,72	Despesas com recreação e cultura	1,61	1,62
1,56	1,74	Despesas com viagens	0,92	1,84
2,31	0,56	Fumo	1,63	0,45
-	3,68	Material de construção	-	2,68
20,63	21,92	Outras despesas	16,59	22,18
<b>100</b>	<b>100</b>	<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: IPC Maps. Organizado por Autor (2014).

Conforme salientamos no início, deste conjunto de variáveis selecionamos quatro para uma análise mais apurada: “alimentação no domicílio”, “alimentação fora do domicílio”, “gastos com veículos próprios” e despesas com “eletrodomésticos e equipamentos”, por considerarmos que elas são representativas da diversificação do consumo e também do processo de reestruturação urbana e das cidades.

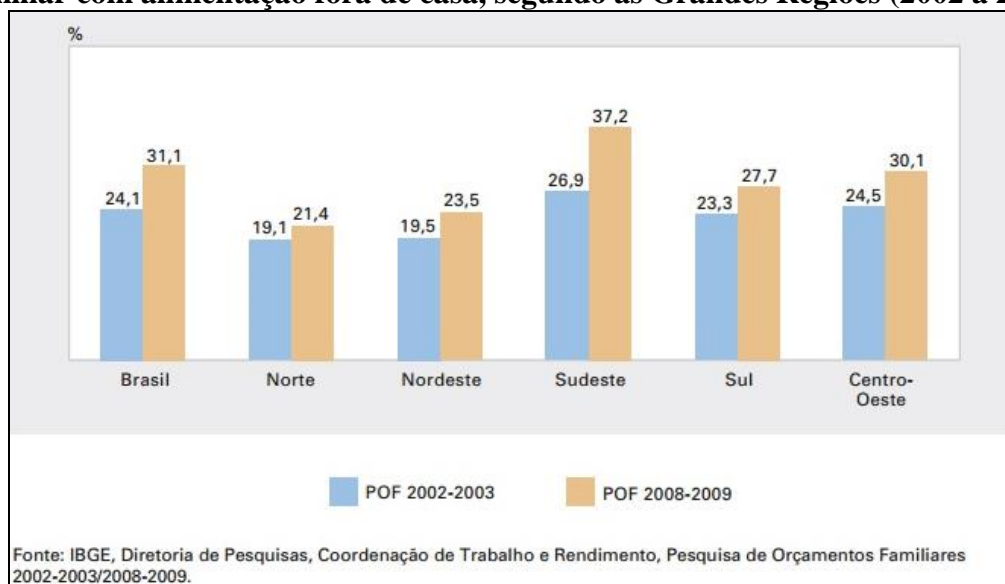
A nosso ver, a alimentação é uma variável importante para compreender a transformação nos padrões de consumo das famílias brasileiras. Em estudo publicado sobre as mudanças nos padrões de consumo de alimentos no Brasil, baseado em um conjunto de fatores socioeconômicos e demográficos, Schlidwein e Kassouf (2007) argumentam que existe uma nova tendência de gastos com alimentação e uma mudança de estilos de vida e de hábitos alimentares das pessoas, decorrentes da intensificação do processo de urbanização. As

autoras afirmaram que “o aumento da renda domiciliar elevou a probabilidade de se consumirem alimentos fora de casa [...] em todas as regiões do Brasil” (SCHLINDWEIN; KASSOUF, 2007, p. 458), destacando as especificidades do consumo em cada região.

De acordo com dados do IBGE (2010), esta hipótese pode ser confirmada. Numa análise comparada entre a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2002-2003 e 2008-2009, verificou-se que aumentou significativamente o percentual de despesas médias mensais com alimentação fora do domicílio. Neste estudo, “[...] verifica-se um aumento de sete pontos percentuais no peso da despesa com alimentação fora do domicílio, no País, entre a POF 2002-2003 e a POF 2008-2009” (IBGE, 2010, p. 66).

Como podemos ver na Figura 1, entre as regiões, a Sudeste destacou-se por apresentar o maior crescimento deste tipo de despesa, de 10,3 pontos percentuais (p.p.), seguida da região Centro-Oeste (5,6 p.p), Sul (4,4 p.p.), Nordeste (4 p.p.) e Norte (2,3 p.p.). Estas diferenças só atestam as históricas desigualdades regionais no Brasil, apontadas na literatura sobre o tema (ARAÚJO, 1997, 2000; FURTADO, 2005; OLIVEIRA, 1981, 2003; ROLNIK; KLINK, 2011 etc.).

**Figura 1 – Brasil: Percentual das despesas monetária e não monetária média mensal familiar com alimentação fora de casa, segundo as Grandes Regiões (2002 a 2009)**



Fonte: IBGE (2010, p. 67).

Esta redefinição dos padrões de consumo alimentares nos remete à *lei de Engel*, que relaciona as despesas familiares com alimentação e a renda das famílias, ou seja, na medida

em que cresce a renda, diminuem relativamente os gastos com alimentação, movimento demonstrado no Quadro 3, conforme explicamos anteriormente.

Consoante aponta pesquisa realizada por Data Popular e Sebrae (2014), boa parte deste consumo realiza-se em cidades do interior<sup>10</sup> do país. Do total gasto com “alimentação fora do domicílio”, as cidades do interior respondem por 37%, o equivalente a R\$ 52,4 bilhões por ano<sup>11</sup>.

Tomando como referência os exemplos de Marília e Mossoró, percebemos na Tabela 3 que entre 1998 e 2012, enquanto em Marília houve uma diminuição dos gastos com “alimentação no domicílio”, equivalente a 25,81%, em Mossoró estas despesas aumentaram 12,39%. Em contrapartida, neste mesmo período, as despesas com “alimentação fora do domicílio” cresceram notadamente em ambas as cidades, passando de pouco mais de R\$ 109 milhões para aproximadamente R\$ 237 milhões em Marília, e de R\$ 77 milhões para mais R\$ 140 milhões, em Mossoró, isto é, uma variação relativa de 117,01% e 82,12%, respectivamente (Tabela 3).

**Tabela 3 - Marília e Mossoró: Despesas com alimentação, no domicílio e fora do domicílio (R\$) e variações relativas (%) (1998 e 2012).**

	Alimentação no domicílio		Variação relativa (%)	Alimentação fora do domicílio		Variação relativa (%)
	1998	2012	1998-2012	1998	2012	1998-2012
Marília	490.316.561,62	363.757.446,82	-25,81	109.183.844,26	236.938.225,01	117,01
Mossoró	409.564.678,33	460.320.216,75	12,39	77.127.050,16	140.461.533,94	82,12

Fonte: IPC Maps. Organizado por Autor (2014). Dados deflacionados.

Ribeiro (2012) destacou que nesse processo de disseminação da alimentação fora de casa, sobretudo do tipo *fast-food*, houve uma padronização e uma racionalização da sociedade contemporânea, na qual o gosto alimentar tornou-se cada vez mais influenciado pelos fornecedores de produtos alimentícios e serviços standardizados, o que Ortigoza (1997) chamou de “o comer formatado”.

<sup>10</sup>De acordo com Data Popular; SEBRAE (2014), considerou-se como “Interior” o conjunto de municípios brasileiros que não são capitais de unidades federativas e não fazem parte de regiões metropolitanas, segundo o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010.

<sup>11</sup>Segundo o referido estudo, além desta variável, as que mais se destacam no consumo dos moradores destas cidades são: “reforma do domicílio” (R\$265 bilhões), “alimentação no domicílio (R\$ 118,4 bilhões), “medicamentos” (R\$ 61 bilhões), “materiais de construção” (R\$ 53 milhões), “gastos com veículos próprios” (R\$ 51 bilhões) e despesas com “eletrodomésticos e equipamentos” (R\$ 23 bilhões) (DATA POPULAR; SEBRAE, 2014).

Fatores como a urbanização intensificada e a praticidade e redução do tempo para o preparo e consumo de alimentos foram apontados por Ribeiro (2012, p. 93) como explicativos desses novos hábitos de consumo alimentar, gerados “pela formação e consolidação da sociedade de massa, pelo processo de internacionalização da indústria de alimentos e pelas mudanças sociais ocorridas ao longo do século passado”.

Além disso, o crescimento da alimentação fora do domicílio e, conseqüentemente, a disseminação de redes de restaurantes e *fast-food*, contribuiu para a difusão de inovações e para o aparecimento de novas formas espaciais (CORRÊA, 2010), reforçando assim a centralidade urbana e os papéis regionais de cidades como Marília e Mossoró.

A segunda variável analisada é a de “gastos com veículos próprios”, tomando como pressuposto o fato de que o automóvel, enquanto “Objeto-Rei e Coisa-Piloto”, orienta diversos comportamentos, desde a economia ao discurso, configurando, com suas pressões, o próprio espaço (LEFEBVRE, 1991). Logo, a disseminação do uso do automóvel constitui-se como um fator importante para compreender as mudanças nos padrões de consumo e até mesmo nos padrões de produção do espaço.

Conforme podemos observar na Tabela 4, entre 1998 e 2012 houve um crescimento das despesas com veículos próprios tanto em Marília como em Mossoró: em Marília, no ano de 1998 elas estavam um pouco acima dos R\$ 93 milhões, e em Mossoró, em torno dos R\$ 30 milhões; em 2012 estas cifras superaram a marca de R\$ 210 milhões em Marília e em Mossoró, dos R\$ 156 milhões, ou seja, uma variação relativa no período de 125,40% e 392,14%, respectivamente (Tabela 4).

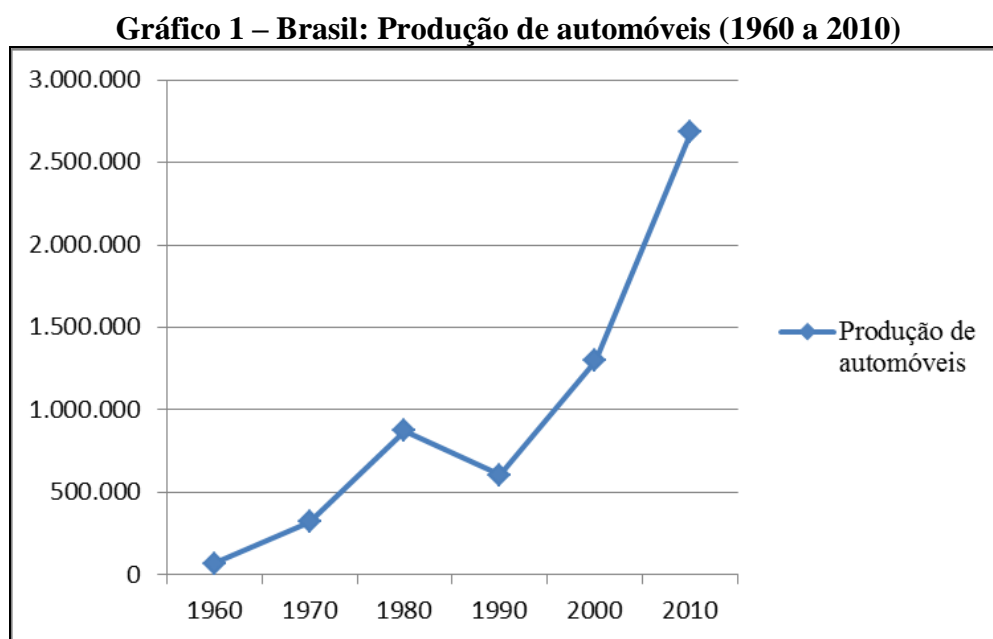
**Tabela 4 - Marília e Mossoró: Gastos com veículo próprio (R\$) e variação relativa (%). (1998 e 2012)**

	1998	2012	Varição relativa (%) 1998-2012
Marília	93.443.982,55	210.620.704,80	125,4
Mossoró	31.773.442,04	156.369.599,72	392,14

Fonte: IPC Maps. Organização: Autor (2014).

Podemos atrelar este crescimento a dois fatores principais: ao aumento da produção industrial e à ampliação do crédito. No contexto de um conjunto de transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil, houve um aumento da produção automobilística nos últimos 50 anos, conforme nos mostram os dados da Associação Nacional dos Fabricantes de

Veículos Automotores (ANFAVEA)<sup>12</sup>. Entre 1960 e 2010 houve um crescimento de 3.706,70% na produção de automóveis, passando de 70.479 unidades em 1960 para 2.682.924, em 2010 (Gráfico 1).



Fonte: ANFAVEA. Organização: Autor (2015).

Esta produção impacta diretamente na frota de automóveis do país. Segundo dados do Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) sobre a frota de carros nas cidades de Marília e Mossoró para os anos de 2003, 2008 e 2012<sup>13</sup>, verifica-se que a frota de Marília superou a de Mossoró nos três anos estudados: na cidade do interior paulista eram 46.363 automóveis em 2003, 57.863 em 2008, e 76.863 em 2012, contra 16.290 automóveis em 2003, 26.837 em 2008 e 42.102 em 2012 no município de Mossoró (Tabela 5).

**Tabela 5 - Marília e Mossoró: Frota de automóveis. Variação absoluta e relativa (2003, 2008 e 2012)**

	2003	2008	2012	Variação relativa (%)		
				2003-2008	2008-2012	2003-2012
Marília	46.363	57.720	76.863	24,5	33,17	65,79
Mossoró	16.290	26.837	42.102	64,75	56,88	158,45

Fonte: DENATRAN. Organizado por Autor(2014).

<sup>12</sup>Dados disponíveis em: <http://www.anfavea.com.br/tabelas.html>. Acesso em: 6/11/15.

<sup>13</sup>No ano de 1998, o DENATRAN não disponibilizou as informações da frota por municípios, somente por Unidades Federativas. Contudo, segundo os dados do IPC, dentre os anos analisados, o período entre 2003 e 2008 foi o de maior expansão do volume de gastos com veículos próprios.



Notadamente, em números absolutos o aumento da frota de automóveis em Marília foi maior que o de Mossoró (Tabela 5), entretanto, ao olharmos para as variações relativas do número de automóveis, Mossoró destacou-se mais do que a cidade do interior paulista: entre 2003 e 2012, a frota de automóveis em Mossoró cresceu 158,45%, enquanto a frota mariliense apresentou um crescimento de 65,79%.

Esta diferença é evidenciada com os dados sobre a frota de automóveis *per capita* ano a ano (Tabela 6): ao passo que, em 2003, a frota *per capita* em Marília era de 4,5, em Mossoró, era de 13,54 pessoas por automóvel. No ano de 2012, em Marília eram 3,87 pessoas por carro, e em Mossoró, essa proporção caiu para 6,34 pessoas por cada automóvel circulando na cidade.

**Tabela 6 - Marília e Mossoró: Frota de automóveis per capita (2003, 2008 e 2012)**

	2003	2008	2012
Marília	4,5	3,87	2,86
Mossoró	13,54	9	6,34

Fonte: IBGE/DENATRAN. Organizado por Autor(2015).

Constatamos, desse modo, que o processo de disseminação do automóvel no país teve impactos diferentes, com ritmos e intensidades distintas conforme a localidade, tal como averiguamos nas duas cidades analisadas: em Mossoró este processo foi muito mais veloz e intenso do que em Marília.

Todavia, é importante salientar que apesar das diferenças entre as cidades, o automóvel constitui-se como um importante signo do nosso tempo (BAUDRILLARD, 1969). Para o referido autor, existe um código universal de *status* social, denominado por ele de “*standing*”, no qual “os objetos não somente tornam mais suportável a vida material ao multiplicarem-se como bens, mas, igualmente, tornam mais suportável o *status* recíproco dos homens ao generalizarem-se como signos de reconhecimento” (BAUDRILLARD, 1969, p. 220). Desse modo,

O veículo automóvel não se reduz a um objeto material dotado de uma certa técnica, meio e lugar sócio-econômico, portador de exigências e de pressões. O Automóvel dá lugar às **hierarquias**: a hierarquia perceptível e **sensível** (tamanho, potência, preço) e se desdobra numa hierarquia mais complexa e mais sutil, a das **performances** (LEFEBVRE, 1991, p. 111, destaques do autor).

De acordo com Baudrillard (1969), o automóvel, enquanto objeto técnico, seria um importante instrumento de reestruturação para a sociedade e o espaço, porém, assim como a casa, tornou-se um mero objeto de consumo que cada vez mais diferencia homens e espaços, a partir de uma hierarquia social pautada no consumo dos signos (LEFEBVRE, 1991).

Por fim, a última variável enfocada na perspectiva da diversificação do consumo é a de “eletrodomésticos e equipamentos” que, embora não esteja no grupo das variáveis de maior destaque no conjunto de despesas familiares em Marília e em Mossoró (Quadro 3), são representativas da mudança nos padrões de consumo pois se relacionam, direta e indiretamente, ao processo de reestruturação urbana, com a adoção de novas lógicas espaciais das lojas de rede locais e com chegada de grandes redes de varejo de capital regional e nacional neste segmento (LOZANO; SPOSITO, 2015; SPOSITO, 2009; SPOSITO; GÓES, 2015); e estão associadas também a gastos referentes à habitação, no consumo de bens duráveis (CATELAN, 2015).

Em recente publicação, Lozano e Sposito (2015) discutem o crescimento econômico do setor de eletrodomésticos e sua expansão espacial no Brasil, destacando que, em volume absoluto de unidades vendidas, o mercado brasileiro de eletrodomésticos está entre os seis maiores do mundo<sup>14</sup>.

Para os referidos autores, entre 2007 e 2011 três segmentos se sobressaíram no comércio varejista: hipermercados e supermercados, combustíveis e lubrificantes, e lojas de departamento, eletrodomésticos e móveis. Este último segmento, segundo os autores, teve seu ritmo de crescimento dinamizado “pelos programas de distribuição de renda, pela extensão e generalização do crédito entre a população e, sobretudo, por medidas estabelecidas pelo governo federal visando estimular o consumo” (LOZANO, SPOSITO, 2015, p. 82-83).

Este crescimento se deve aos processos de concentração econômica, centralização do capital e de desconcentração espacial pelos quais passaram as empresas do setor varejista, sobretudo nos anos 2000, decorrentes da expansão da acumulação capitalista que acirrou a diferenciação espacial e redefiniu a divisão do trabalho (SMITH, 1988).

Deste modo, a atuação de capitais associados a grandes conglomerados varejistas nas cidades médias, a exemplo das redes no setor de eletrodomésticos, vem redefinindo seus papéis na rede urbana, tornando a centralidade destas cidades mais abrangentes e complexas e alterando a própria hierarquia urbana (CATELAN, 2012), tendo em vista que “as cidades

---

<sup>14</sup>Fica atrás apenas dos Estados Unidos, China, Alemanha, Inglaterra e Japão (LOZANO; SPOSITO, 2015, p. 92).

médias apresentam um mercado importante para essas empresas, pois geralmente são constituídos espaços de comando e polarização em escala regional: polos econômicos, sociais, políticos em plena expansão” (LOZANO; SPOSITO, 2015, p. 98).

Verificamos esta expansão do setor em Marília e Mossoró, embora seja possível identificar diferenças entre elas: ainda que modestamente, Mossoró apresentou um ritmo de crescimento do consumo de “eletrodomésticos e equipamentos” maior que o de Marília.

Entre 1998 e 2012, as despesas potenciais com “eletrodomésticos e equipamentos” em Marília caíram de aproximadamente R\$ 96 milhões para cerca de R\$ 82 milhões, e em Mossoró, passaram dos R\$ 67 milhões em 1998 para mais de R\$ 69 milhões, em 2012 (Tabela 7). Estes montantes corresponderam a uma queda no potencial deste tipo de consumo de 14,11% em Marília e um crescimento de 2,94 % em Mossoró nos anos analisados (Tabela 7).

**Tabela 7 - Marília e Mossoró: Despesas com eletrodomésticos e equipamentos (R\$) e variação relativa (%) (1998 e 2012).**

	1998	2012	Varição relativa (%)
			1998-2012
Marília	96.350.068,98	82.757.640,51	-14,11
Mossoró	67.655.489,03	69.647.608,29	2,94

Fonte: IPC Maps. Organizado por Autor(2014).

Duas possibilidades são aventadas para justificar a queda relativa no consumo deste tipo de produto: a primeira, pela redistribuição dos gastos familiares entre outras categorias de consumo, como “manutenção do lar” e “gastos com veículo próprio”, por exemplo (Quadro 3); e a segunda, pela retração da produção industrial de bens de consumo duráveis, na qual se inclui a categoria de “eletrodomésticos e equipamentos, entre os anos de 2009 e 2011 (GAIER, 2010; PRODUÇÃO, 2010; ATIVIDADE, 2011; IEDI, 2011a,b; SOARES, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na última década houve uma mudança na estrutura relativa do consumo, implicando no alargamento e diversificação do mercado de novos bens, hierarquizados pelo grau de sofisticação e de diferenciação dos preços relativos dos bens, potencializado na medida em que aumenta a renda familiar, aumentando também as despesas correspondentes a estes novos produtos no orçamento (MEDEIROS, 2015).

Porém, a expansão do consumo não acarreta mudanças apenas na composição dos gastos individuais e familiares e nas formas de consumir, mas também, mudanças que podem ser observadas na dimensão espacial, com seu direcionamento para grandes espaços comerciais, vinculando-os a processos sobre o comércio e o consumo, por exemplo, que a literatura tem denominado como reestruturação urbana e reestruturação da cidade.

Assim, consideramos que as variáveis por nós analisadas são importantes para a compreensão da expansão e recomposição do consumo e para o processo de reestruturação urbana, a partir das alterações dos papéis urbanos das cidades médias mediante uma nova divisão interurbana do trabalho. Além disso, estas variáveis nos ajudam a pensar a redefinição das estruturas dos espaços urbanos, no que se refere à divisão econômica e social do espaço.

É relevante, entretanto, reconhecer que tais processos e transformações não se dão de maneira homogênea em todas as cidades em virtude dos distintos contextos regionais nos quais estão inseridos, em virtude dos diversos desafios estruturais relacionados às disparidades socioespaciais no território brasileiro nas escalas macrorregional e urbana.

## REFERÊNCIAS

ARANHA FILHO, Francisco José Espósito. **Modelagem do Potencial de Mercado dos Municípios Paulistas**. EAESP/FGV/NPP - NÚCLEO DE PESQUISAS E PUBLICAÇÕES, 1998. 115p. Disponível em : [http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/P00135\\_1.pdf](http://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/P00135_1.pdf). Acesso em : 4/9/15.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. “Herança de diferenciação e futuro de fragmentação”. **Estudos Avançados**, São Paulo, IEA/USP, vol. 2, nº. 29, p. 7-36, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100002)>. Acesso em: 20/3/14.

\_\_\_\_\_. “Nordeste, Nordestes: que Nordeste?” In: \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2000. p. 165-196.

“ATIVIDADE industrial tem retração de 0,3% em relação a 2010”. **Agência Estado**, 31/08/2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/atividade-industrial-tem-retracao-de-0-3-em-relacao-a-2010/>. Acesso em: 6/11/15.

BAUDRILLARD, Jean. **El sistema de los objetos**. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1969.

BITOUN, Jan; MIRANDA, Livia (Orgs.). **Desenvolvimento e cidades no Brasil**. Contribuições para o Debate sobre as Políticas Territoriais. Recife: FASE - Observatório das Metrôpoles, 2009.

**Sociedade e Território – Natal. Vol. 28, N. 2, p. 95 - 116. Jun./Dez. de 2016**

CATELAN, Márcio José. **Heterarquia urbana: interações espaciais interescalares e cidades médias**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012.

\_\_\_\_\_. “Vida a crédito nas cidades médias/intermediárias brasileiras: efeitos do programa habitacional Minha Casa, Minha Vida”. In: SANFELIU, Carmen Bellet et al. (eds.). **Urbanización, producción y consumo en ciudades medias/intermedias. Urbanização, produção e consumo em cidades médias/intermediárias**. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista; Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2015. pp. 441-470.

CORRÊA, Roberto Lobato. “Inovações espaciais – algumas reflexões”. **Cidades**. Vol.7, n.11. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2010. pp.149-159.

DATA POPULAR; SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Dossiê Interior do Brasil: dimensionamento, características e oportunidades**. Abril, 2014. Disponível em: [http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/interior%20do%20brasil\\_completo.pdf](http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Estudos%20e%20Pesquisas/interior%20do%20brasil_completo.pdf). Acesso em: 7/11/15.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. “Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais”. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro. (orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular. 2010. p. 101-283.

FILGUEIRAS, Luiz Antônio Mattos; GONÇALVES, Reinaldo. **A economia política do governo Lula**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2007.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

GAIER, Rodrigo Viga. “Crise faz indústria ter em 2009 maior retração desde 1990, diz IBGE”. **Reuters**, 02/02/2010. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2010/02/02/2crise-faz-industria-ter-em-2009-maior-retracao-desde-1990-diz-ibge.jhtm>. Acesso em 6/11/15.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (IEDI). “Produção Industrial em Abril de 2011: Uma Forte Queda”. **Carta IEDI**, n.470, 03/06/2011a. Disponível em: [http://www.iedi.org.br/cartas/carta\\_iedi\\_n\\_470\\_producao\\_industrial\\_em\\_abril\\_de\\_2011\\_uma\\_forte\\_queda.html](http://www.iedi.org.br/cartas/carta_iedi_n_470_producao_industrial_em_abril_de_2011_uma_forte_queda.html). Acesso em: 6/11/15.

\_\_\_\_\_. “Produção Industrial em Outubro de 2011: Resultados Negativos”. **Carta IEDI**, n.496, 02/12/2011b. Disponível em: [http://www.iedi.org.br/cartas/carta\\_iedi\\_n\\_496\\_producao\\_industrial\\_em\\_outubro\\_de\\_2011\\_resultados\\_negativos.html](http://www.iedi.org.br/cartas/carta_iedi_n_496_producao_industrial_em_outubro_de_2011_resultados_negativos.html). Acesso em: 6/11/15.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEORGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de influência das cidades 2007** (REGIC). Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de orçamentos domiciliares: 2008-2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008\\_2009/POFpublicacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009/POFpublicacao.pdf)

IPC MARKETING. **IPC Maps 2012**. São Paulo: IPC Marketing Editora, 2012.

LEFEBVRE, Henri. “A sociedade burocrática de consumo dirigido”. In: **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991. pp.77-119.

LOZANO, Lina Patricia Giraldo; SPOSITO, Eliseu Savério. “Cidades médias e distribuição espacial do comércio de eletrodomésticos”. In: SANFELIU, Carmen Bellet et al. (eds.). **Urbanización, producción y consumo en ciudades medias/intermedias. Urbanização, produção e consumo em cidades médias/intermediárias**. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista; Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2015. pp. 79-105.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **Inserção externa, crescimento e padrões de consumo na economia brasileira**. Brasília : IPEA, 2015.

MELAZZO, Everaldo Santos. “Marília: especialização industrial e diversificação do consumo. Trajetórias de uma cidade média”. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro. (orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Chillán e Marília**. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p.161-279.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**. Sudene. Nordeste, Planejamento e conflito de classes. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Crítica à razão dualista**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. “O *fast food* e a mundialização do gosto”. **Cadernos de Debate**, vol V. Campinas, 1997. pp. 21-45.

POCHMANN, Márcio. **Nova classe média?: o trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

“PRODUÇÃO industrial se estabiliza em um nível alto”. **Estadão**, 01/06/2010. Disponível em: [http://cntdrs.com.br/menu/boletim/noticias\\_nova/not.php?id\\_cliente=1&id=7172](http://cntdrs.com.br/menu/boletim/noticias_nova/not.php?id_cliente=1&id=7172). Acesso em: 6/11/15.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD); INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro**. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2013. 96p. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/idhm-brasileiro-atlas-2013.pdf>. Acesso em: 26/10/15.

SCHLINDWEIN, Madalena M.; KASSOUF, Ana L. “Mudanças no padrão de consumo de alimentos tempo-intensivos e de alimentos poupadores de tempo, por região do Brasil”. In: SILVEIRA, Fernando G.; SERVO, Luciana M. S.; MENEZES, Tatiane; PIOLA, Sérgio F. (Org.). **Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas**. Brasília: IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2007, v. 2, pp. 423-462. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/20\\_Cap12.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/20_Cap12.pdf). Acessado em 08 de fev. de 2016.

RIBEIRO, Cilene da Silva Gomes. **Tudo pronto: o comer fora e o prazer reinventado (1970-2000)**. 2012. 259f. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ROLNIK, Raquel; KLINK, Jeroen. “Crescimento econômico e desenvolvimento urbano. Por que nossas cidades continuam tão precárias?” In: **Novos Estudos Cebrap**, n.89, março, 2011. Pp.89-109.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e a produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOARES, Pedro. “Queda na produção de bens de capital indica retração de investimentos”. **Folha de S. Paulo**, 1/11/2012. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/mercado/2012/11/1178774-queda-na-producao-de-bens-de-capital-indica-retracao-de-investimentos.shtml?mobile>. Acesso em: 6/11/15.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. “Globalização, consumo e papéis intermediários de cidades médias no Brasil”. In: SANFELIU, Carmen Bellet; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (editoras). **Las ciudades medias o intermediarias en un mundo globalizado. As cidades médias ou intermediárias num mundo globalizado**. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2009. pp.41-69.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão *et al.* “O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica”. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.35-67.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. “Grandes grupos econômicos, consumo e redefinição de centralidade urbana, em cidades médias”. In: SANFELIU, Carmen Bellet et al. (eds.). **Urbanización, producción y consumo en ciudades medias/intermedias. Urbanização, produção e consumo em cidades médias/intermediárias**. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista; Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2015. pp. 107-131.

**Recebido em Maio de 2016**

**Aprovado em Novembro de 2016**

**Publicado em Dezembro de 2016**